



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

## SOB A LUZ DA PSICANÁLISE: A SUBJETIVIDADE “COISIFICADA”

Dhiulliana dos Santos Moura

Brasília,  
Julho/2010

DHIULLIANA DOS SANTOS MOURA

**SOB A LUZ DA PSICANÁLISE:  
A SUBJETIVIDADE “COISIFICADA”**

Monografia apresentada ao  
UniCEUB – Centro Universitário de  
Brasília como requisito básico para  
obtenção do título de psicólogo da  
Faculdade de Ciências da Educação  
e Saúde, sob orientação da  
professora Dra. Marcella Marjory  
Mussolini Laureano.

Brasília,  
Julho/2010



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcella Marjory Massolini Laureano

---

Profa. Msc. Maria Leonor Sampaio Bicalho

---

Prof<sup>ª</sup>. MSc. Morgana Queiroz

A Menção Final obtida foi:

---

Brasília,  
Julho/2010



*"Saturno devorando seu filho", (pintura mural da Quinta del Sordo), Francisco Goy, 1823.*

*Quando observo que tudo quanto cresce*

*Desfruta da perfeição de um só momento,*

*Que neste palco imenso se obedece*

*A secreta influência do firmamento;*

*Quando percebo que ao homem, como à planta,*

*Esmaga o mesmo céu que lhe deu glória,*

*Que se ergue em seiva e, no ápice, aquebranta*

*E um dia enfim se apaga da memória:*

*Esse conceito da inconstante sina*

*Mais jovem faz-te ao meu olhar agora,*

*Quando o Tempo se alia com a Ruína*

*Para tornar em noite a tua aurora.*

*E crua guerra contra o Tempo enfrento,*

*Pois tudo que te toma eu te acrescento.*

***William Shakespeare***

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu filho Lucas Moura Trindade, que em todos os momentos me acompanhou e com sua admiração me fez acreditar que chegaria aonde cheguei.

Agradeço à minha mãe Dilma Moura, pessoa linda e sábia, que mesmo nos momentos em que eu não via razão de continuar, de longe ela me dizia, “vai filha continua, creia em Deus e em você”.

Agradeço à Kátia Joaneza, pessoa determinada e amorosa que contribuiu nos piores e melhores momentos desta jornada. Sem você, concretizar esse sonho teria sido ainda mais difícil.

Agradeço ao iluminado amigo, Djalma J. Trindade, pessoa abençoada que transformou com suas orações, minhas incertezas em certezas, meus medos em seguranças, minha pressa em crença que o tempo estaria ao meu favor, sempre.

Agradeço às minhas amigas, Camila Néri, Priscila Castro, Liliane Vêras, lindas pessoas e presentes divinos, que torceram, que me animaram, por vezes quiseram atenção que o momento não possibilitava, mas, souberam entender e esperar.

Agradeço às minhas professoras, Marcela Laureano, Leonor Bicalho e Morgana, mestras nas teorias, mas também na missão de construir sujeitos mais reflexivos e profundos, tornei-me “*grande*”, graças a vocês.

Agradeço àqueles que perto ou longe me possibilitaram essa conquista, que vibraram em cada passo dado, que se angustiaram, que mudaram conceitos depois de longas conversas e trocas. Obrigada por me permitirem a escuta de suas queixas, em um ensaio do que quero para o resto da vida.

Agora, o mais majestoso agradecimento; Agradeço a Deus, ser da minha vida e todo poderoso, que como pai amoroso me carregou nos braços em muitos momentos difíceis.

Chego ao fim de uma jornada árdua, mas muito gratificante. Concluo hoje parte de um sonho, e também começo uma nova proposta de vida, minha existência se fez ímpar neste período de aprendizagem e desenvolvimento.

Consegui!

**SUMÁRIO**

Introdução.....	9
Desenvolvimento teórico da perversão.....	12
Segundo tempo em Freud .....	15
Perversão em Lacan .....	22
Manifestação perversa: Fetichismo.....	26
Freud e seu texto sobre o fetichismo .....	27
O desmentido da castração.....	32
A recusa e no que ela resulta.....	36
O véu ou cortina em Lacan.....	39
Conclusão .....	46
Referências Bibliográficas.....	51

## RESUMO

O trabalho tem como proposta desenvolver um estudo sobre a perversão enfatizando principalmente os aspectos teóricos da metapsicologia freudiana, assim como, a descrição lacaniana sobre a perversão a partir do posicionamento do sujeito diante da castração. Freud inicia seus estudos sobre a perversão se distanciando da leitura de que a perversão é uma degeneração, uma anormalidade sexual e social. A perversão ganhou um viés metapsicológico, devido à estruturação do complexo de Édipo, assim, a perversão é vista como fruto do mecanismo da recusa (*Verleugnung*), na saída para o conflito édipico, contrapondo, à dissolução do mesmo, através do recalçamento (*Verdragnung*), este que participa da formação neurótica. Posteriormente, com o desenvolvimento da lógica do fetichismo, paradigma da perversão, Freud explica a atitude ambígua do sujeito da perversão diante da realidade da castração, através da articulação da recusa com a dissociação do ego. No entanto, no estudo teórico lacaniano o falo não se trata do órgão de fato, mas do falo imaginário e simbólico. O falo, na dinâmica do desenvolvimento humano, é o centro da explicação de Lacan trazida nos três tempos lógicos de Édipo (primeiro - dialética do desejo, segundo - dialética do ser, terceiro - pautado na dialética do ter). Numa realidade na qual impera a economia narcísica do gozo sem reconhecimento do sujeito da diferença, o homem se tornou “objeto descartável”.

**Palavras-Chave:** Perversão, Fetichismo, Recusa.



O cerne principal deste trabalho é o estudo da temática da perversão dentro do campo de investigação da psicanálise, essencialmente, em Freud, Lacan e comentadores, como Valas, Ferraz e Roudinesco. A idéia inicial para a confecção deste estudo partiu de questões importantes sobre a perversão e suas diversas formas de manifestação, no entanto, a mais inquietante e que mereceu um enfoque maior foi o fetichismo.

O estudo da perversão em Freud comporta dois eixos teóricos, no primeiro a perversão está configurada como parte do estágio evolutivo do sujeito, uma organização da sexualidade infantil em zonas erógenas parciais, que ainda não estão sob o primado da zona genital. No segundo eixo, é apresentada a condição da subjetividade do sujeito que recusa a diferença sexual, assim como, à castração.

Ainda no primeiro capítulo, foi realizada uma explanação mais detalhada sobre os tempos da teoria freudiana. No primeiro momento, Freud tratou do assunto nos “Três ensaios sobre a teoria sexual”, em 1905, na qual propôs que a perversão não deve ser considerada uma anormalidade social ou ter um caráter denegridor e de exclusão. Neste texto Freud explana que há o desenvolvimento normal e os desvios da sexualidade infantil, em ambos as perversões sexuais se fazem presente.

É preciso destacar que Freud, ao contrário do pensamento dominante da época, afirmou que existe uma sexualidade infantil que é um fator de estruturação da subjetividade e responsável pelas escolhas objetais. Nas crianças, as pulsões sexuais são satisfeitas por meios que se afastam da satisfação genital e Freud considera que as perversões infantis são consideradas como estágio evolutivo normal e que a criança possui uma disposição perversa polimórfica. Depois, normalmente na fase adulta, as pulsões parciais se organizam sob a primazia da satisfação genital.

Podemos dizer que a sexualidade adulta possui uma multiplicidade de satisfações sexuais que somente são consideradas aberrações quando utilizadas de forma única para obtenção de prazer em detrimento do coito genital. Portanto, a perversão sexual é normal e deixa de ser considerada como um desvio no desenvolvimento humano.

A perversão sexual tem a sua gênese na infância e deriva da fixação de uma pulsão pré-genital que escapou do recalque. Essa constatação levou à formulação por Freud do famoso axioma: “a perversão é o negativo da neurose”. Ou seja, o que é reprimido no neurótico é posto em ato pelo perverso e sem culpa.

Num segundo momento, o intuito de Freud foi estabelecer uma distinção entre o traço perverso existente nos neuróticos, e expresso nas elaborações das fantasias masoquistas. Em seguida Freud conclui que a perversão não é um ponto de fixação ou de regressão, é uma estrutura advinda do complexo de Édipo, ou seja, estrutura psíquica articulada como solução para o complexo de Édipo.

No segundo capítulo, mostramos a terceira teoria sobre a perversão presente no fetichismo. A dinâmica psíquica perversa do fetichismo, composta pela defesa de recusa contra a angústia da castração, torna-se o paradigma da perversão. Nesse tópico, foi abordada a constituição psíquica perversa configurada nos meninos pela recusa da castração, e a criação do fetiche como seu tamponamento. O fetiche surge como símbolo da existência do pênis na mãe e do triunfo sobre a castração. Freud assinala que a recusa articula-se com a conseqüente dissociação (*Spaltung*) do ego, esclarecendo a atitude ambígua da pessoa diante da realidade de ser castrada. Além disso, na mesma linha, foram tratados os conceitos de recusa e divisão do sujeito, o desmentido da castração e as identificações do fetichista.

Também no segundo capítulo foi abordada a teoria lacaniana, esta que se faz extremamente importante ao se pensar na perversão e em suas manifestações atuais.

Temos que destacar que para Lacan no fetichismo a função do véu ou da cortina, corresponde para o sujeito, em esconder a falta fálica da mãe e a designação da figura daquilo que está ausente. Entretanto, o falo a que Lacan se refere é o falo simbólico e não real.

É necessária a crença do falo materno, pois isto evita o contato do sujeito com a realidade da diferenciação sexual. O sujeito se protege de ameaças imaginárias, se houver reconhecimento da ausência do falo na mãe (mulher), aquele também pode sofrer castração.

Para Lacan o véu é investido de imagem fálica com o intuito de esconder e também designar o nada. Diante do véu temos as seguintes perversões, Fetichismo, Masoquismo, Voyeurismo, Homossexualidade feminina. No entanto, Lacan afirma que atrás do véu, é possível observar outras perversões, a citar, o Travestismo, Sadismo, Exibicionismo e enfim, o Homossexualismo masculino.

Vale salientar, que para Lacan o fetichismo se configura a partir da posição que o sujeito assume diante do reconhecimento da castração do falo materno (mulher).

Por fim, convém ressaltar que a elaboração teórica a respeito da perversão, na tentativa de especificar o tema e delimitar o objeto de pesquisa, foi baseada na teoria freudiana e em estudos teóricos lacanianos, assim como, alguns autores pós-modernos que evidenciam o fetichismo em sua forma mais contemporânea.

## Capítulo 1

### Desenvolvimento Teórico da Perversão

De acordo com a psicanálise existem três organizações psíquicas possíveis para o sujeito: Neurose, Psicose e Perversão. Neste trabalho abordaremos a estrutura perversa.

A perversão já foi identificada de degeneração, anormalidade social e de exclusão. Com a intenção de explicar melhor este assunto serão citados os tempos em que Freud discorre sobre o tema.

#### Primeiro tempo em Freud

Freud fala em perversão pela primeira vez em “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, em 1905, afirmando que a perversão não deve ser considerada como anormal socialmente, excludente ou degenerativa. É a partir daí que Freud fundamenta a primeira teoria sobre as perversões sexuais, demonstra o desenvolvimento normal e os desvios da sexualidade infantil.

É essencial perceber em Freud a via contrária da sociedade da época, quando este afirma que a sexualidade infantil é um fato de estruturação da subjetividade e responsável pelas escolhas objetais. Na infância as pulsões sexuais são parciais, e buscam a satisfação por meio de uma satisfação auto-erógena em partes determinadas do corpo até se organizarem em torno da organização genital. Acompanhando o desenvolvimento percebe-se que a criança não possui ainda os inibidores: pudor, asco e moral poderosos ao estabelecer resistência contra a satisfação das pulsões. Desta forma as crianças alcançam a satisfação das pulsões sem a interferência do recalque.

É somente em outra fase que esses inibidores vêm à tona. Sobre este assunto discorre Valas (1990), que os mecanismos inibidores, repugnância, moral, educação,

traçam barreiras para as pulsões sexuais e, portanto, pautam um desenvolvimento normal.

Citando Freud (1905/1996), as pulsões sexuais são satisfeitas sim, no entanto, a via não é a satisfação genital e as perversões infantis são remetidas a um estágio normal de evolução. Esta é nomeada perversão polimorfa, ou seja, todo e qualquer sujeito em sua organização psíquica teve configurações perversas.

Portanto, conforme Ferraz, (2008, p.25) “o perverso não porta uma aberração ausente nos outros seres humanos, mas que ele simplesmente atua naquilo que se encontra, de forma latente e potencial em todas as pessoas”. Segundo Freud (1990), à medida que se vai desenvolvendo, a criança abandona a satisfação das pulsões por meio exclusivo das zonas erógenas orais e anais e caminha para a busca da satisfação genital. Para que isso ocorra há a contribuição do contexto social que impele censuras morais.

Explorando um pouco mais a despeito do polimorfismo das manifestações da sexualidade no homem, Valas (1990), conduz esta perigosa definição de Freud a uma preocupação: como saber do sujeito perverso ou do normal se são tão tênues suas diferenças? A esta questão Valas (1990, p. 28) responde, “a perversão se caracteriza por uma fixação prevalente, até mesmo total, do desvio quanto ao objeto, e pela exclusividade da prática ao desvio com relação ao objetivo”.

Consequentemente para que sejam consideradas aberrações sexuais, as perversões necessariamente perdem o caráter de preliminares do ato sexual normal e assumem a forma única de obtenção de satisfação sexual. Portanto, a via substitutiva do coito genital é que constitui a perversão sexual.

Sobre a constituição perversa através da fixação em certas zonas erógenas, Ferraz conjectura (2008, p. 25) “A perversão seria em uma palavra, a manutenção da sexualidade infantil perverso-polimorfa na vida adulta”. Nesse caso, às cavidades bucais

e anais é dada significação sexual e essas zonas são consideradas como pertencentes ao aparelho genital. Na vida adulta ocorre uma substituição da obtenção do prazer genital da cópula pela satisfação da libido em torno dessas zonas erógenas, ou mesmo um orgasmo obtido através de condições extrínsecas, a citar o fetichismo, transvestismo, exibicionismo e masoquismo.

Freud (1905/1996) constrói suas afirmativas pondo lado a lado neurose e perversão, formulando o axioma de que a “a perversão é o negativo da neurose”. É contundente afirmar que em todos os neuróticos existem componentes perversos, que atuam inconscientemente por meio das fantasias. Segundo Valas (1990, p. 30), “o fantasma perverso é inconsciente na neurose, e consciente na perversão”. Por assim dizer, o neurótico reprimiu as tendências perversas que inconscientemente formam sintomas e fantasias e o perverso em todas as medidas atua e põe na realidade a satisfação das pulsões que não são recalcadas.

Portanto, em Freud constata-se que a perversão é situada como diferente da neurose, possuindo uma estrutura e funcionamento psíquico em oposição à neurose. Sobre o axioma, a perversão é o negativo da neurose, explica Ferraz (2008, p. 25), “essa postulação de Freud teve uma importância decisiva para a compreensão da sexualidade em geral, pois demonstrou que o perverso não porta uma aberração ausente nos outros seres humanos, mas que ele simplesmente atua aquilo que se encontra, de forma latente e potencial, em todas as pessoas”.

Entretanto, para o perverso, também a fantasia possui uma parte que é inconsciente, ou seja, a recusa da castração e da falta do pênis na mãe. Valas (1990) explana sobre a tese de Freud na qual afirma que as crianças, em suas teorias sexuais, acreditam que todos os seres humanos possuem pênis. O menino ao perceber as partes genitais da irmãzinha não constata a falta, e sim, se consola afirmando que o pênis

existe em miniatura. Segundo Valas (1990, p. 50), “em Freud, pela primeira vez, essa recusa da percepção da castração pela criança, a qual, se perseverar, vai retornar sob a forma dessa figura da mulher com pênis”. Essa recusa da castração e do limite ele não sabe, mas, permanece inconsciente e dá o sentido da fantasia que ele atua.

### Segundo tempo em Freud

Podemos dizer que Freud além desse primeiro momento em que descreve a perversão sob três aspectos, a saber, como estágio evolutivo normal, resíduo da sexualidade infantil ligado a certas zonas erógenas e como negativo da neurose, traz em 1919 em “Uma criança é espancada”, a questão de que o sentimento de culpa devido a fantasias incestuosas direcionadas às figuras parentais, os castigos físicos impostos pelo pai; foram erotizados pela criança como respectivamente a gênese da homossexualidade e do masoquismo. Além disso, Freud (1919/1996) também afirma que a perversão é fruto do complexo de Édipo e não de fixação ou de regressão.

Tais conclusões são advindas da análise de seis casos clínicos, quatro mulheres e seis homens e que se compõem de três fases.

De acordo com Freud (1919/1996), a primeira fase da fantasia de espancamento é representada pela frase “O meu pai está batendo na criança”, a segunda fase consta, “Estou sendo espancado pelo meu pai”, e finalmente, a terceira fase, várias crianças são espancadas e provavelmente “Eu estou olhando”. Desta forma, Freud observa que há evidências de fantasias de espancamento de crianças por seus progenitores.

Conforme Valas (1990, p. 68), “Uma indicação, portanto, nos é dada de que o fantasma perverso não é a perversão, mas a compreensão de sua gênese permitiria, talvez, reconstruir o que seria a estrutura da perversão”.

Segundo Freud (1919/1996), é de um período bem primitivo a fantasia de espancamento em sujeitos femininos. O adulto expressa em análise que uma criança é espancada pelo seu pai, o que na verdade remete Freud à “o meu pai bate na criança odiada por mim”. Deve-se observar que a pessoa que relata a fantasia é a espectadora da cena, a criança em quem se está batendo não é jamais a que cria a fantasia, mas outra criança, com frequência, um irmão ou irmã.

De acordo com Valas (1990), não há relação entre o sexo da criança que fantasia e que sofre o espancamento, portanto, o sujeito é indeterminado. Segundo tal aspecto, pode-se concluir que a fantasia não é masoquista. A fantasia apresenta-se recheada de ciúmes de um irmão ou irmã caçula, cujo nascimento veio deixá-la em dúvida quanto ao amor dos pais por ela.

Valas (1990, p. 70), contribui afirmando que “pouco importa que a cena tenha sido real ou apenas desejada, não é um fantasma masoquista, já que a criança espancada não é o sujeito, e nem sádica, pois também não é o agente espancador”. Verifica-se desta forma que não há um conteúdo masoquista, mas, somente uma experiência de prazer sentido mediante castigo destinado a outra criança.

Ainda citando Valas (1990, p. 71), “a referência ao pai indica que já se trata, aí, de uma situação de engajamento no Édipo”. Certamente o prazer advindo do pai espancando um rival, mostra que somente a criança que fantasia é que é amada pelo pai.

Freud (1919/1996) relata que na segunda fase da fantasia de espancamento existem inúmeras mudanças, porém, uma característica permanece, a pessoa que espanca ainda é o pai, mas a criança em que está batendo não é mais a rival e sim a que fantasia.

Esta fase é totalmente inconsciente e só há possibilidade de reconstrução em análise. Pode-se afirmar que “o fantasma é, em alto grau, mesclado de prazer”, Valas



(1990, p. 71). Certamente, ao fantasiar que o pai espanca a criança assume a culpa em relação aos impulsos sádicos e incestuosos para com o pai e fantasia que ela mesma agora é espancada. Há nesta fase uma configuração de fantasia com caráter masoquista, pois, o relato ao mesmo tempo em que evoca dor, traz a ela prazer.

Segundo Freud (1919/1996), a fantasia da menina, de ser espancada pelo pai é a expressão direta do sentimento de culpa da menina.

Portanto, para Freud (1919/1996), está evidenciado que há forte participação do complexo de Édipo na constituição da fantasia perversa.

Valas (1990) traz o termo, satisfação de desejo culpado na menina, pois, a fantasia nada mais é que a correspondência do desejo de ser amada pelo pai tal qual a mãe o é. Neste fato, existe a soma de punição pelo prazer sentido na primeira fase e a recriminação de desejos sexuais edipianos.

Em Freud (1919/1996), consta que a primeira fantasia é uma lembrança encobridora da segunda, que, via de regra, é inconsciente devido à incidência do recalque.

Na terceira fase da fantasia são outras crianças que são espancadas por um substituto do pai (professor em alguns casos) e, portanto, também é uma fantasia encobridora segundo Freud (1919/1996). No entanto, esta fantasia está carregada de excitação de prazer, provoca satisfação, além de ter uma caracterização sádica.

A diferença essencial entre a terceira e a primeira fase e que estabelece conexão com a segunda é a satisfação sexual que proporciona uma satisfação masturbatória.

Segundo Freud (1919/1996), não há uma correlação entre as fantasias de espancamento das meninas e dos meninos. Nos relatos masculinos consta o espancamento originado pela mãe, que é consciente, desta forma, não se configura em

fantasia primitiva. De fato há um estágio precedente, inconsciente, e tem por conteúdo, algo em torno do menino está sendo espancado pelo pai. Estágio este que corresponde à segunda fase da fantasia da menina, que é inconsciente.

Na fantasia masculina em sentido genital, o ser espancado significa ser amado. Portanto, para Freud (1919/1996), a fantasia consciente de está sendo espancado pela mãe tomou lugar da fantasia inconsciente de ser amado pelo pai.

A fantasia de espancamento do menino é passiva desde o começo e decorre de uma atitude feminina em relação ao pai, existe certamente uma correspondência ao complexo de Édipo tal qual ocorre na fantasia feminina.

Para Valas (1990), a fantasia de espancamento tanto no menino quanto na menina possui em sua origem a ligação incestuosa com o pai.

A ambivalência na relação afetiva com o pai torna-se clara. Segundo Freud (1919/1969), o menino identifica-se com o pai, quer ser amado por ele, no entanto, quer derrotá-lo para ter o amor da mãe. É sabido, pois, que existe o recalque e os impulsos sexuais investidos no pai são desviados da consciência permanecendo a culpa.

Para Freud (1919/1996), a transformação da primeira na segunda cena acontece mediante ao sentimento de culpa, com a transformação do sadismo em masoquismo e da libido objetal em libido narcísica.

Nesse contexto Freud revela o caráter perverso da fantasia neurótica, pois a situação de espancamento relatada como simples pode se tornar mais elaborada com castigos e humilhação. Portanto, não é mais possível admitir como critério de diferenciação entre a neurose e perversão, respectivamente, o caráter inconsciente e consciente das fantasias, conforme proposto anteriormente por Freud.

Segundo Valas (1990), a oposição entre neurose e seus fantasmas inconscientes e condutas imaginárias, e perversão com os fantasmas conscientes e

condutas reais, podem possuir outra configuração. Os neuróticos possuem fantasmas conscientes e ocasionalmente podem atuá-los, assim como os perversos podem evocar cenas imaginárias e dessa forma também obter a satisfação procurada.

Para Freud (1919/1996), a revelação propiciada pela fantasia de espancamento construída em análise toma o seguinte formato: o neurótico masoquista se oferece ao outro como um objeto a ser maltratado e desprezado, e goza com seu próprio sofrimento, reparando desse modo a culpa por seus desejos edípicos infantis. Essas fantasias de flagelamento, principalmente da segunda fase, que são inconscientes, confirmam que o masoquismo não é uma manifestação pulsional primária, mas nasce do retorno do sadismo à própria pessoa. O masoquismo é um produto da consciência da culpabilidade dos desejos incestuosos que foram recalcados e bem como os resultados da organização genital, impondo a esta uma regressão à fase sádico-anal e transformando o sadismo em masoquismo passivo, e em certo modo, novamente narcísico.

Em Freud (1914/2004), encontramos que o narcisismo perverso é entendido a partir do próprio corpo até o alcance da satisfação de prazer e absorção de toda a vida sexual, o narcisismo pode assim ser entendido como perversão. Contudo, o termo narcisismo, sobre a ótica da normalidade, encontrado de forma vasta nos seres vivos não é tido como perversão. Desta forma, o narcisismo faz parte do desenvolvimento normal do ser humano. Sobre isso se encontra em Freud:

(...) a partir de dificuldades constatadas no trabalho psicanalítico com neuróticos, parecia que um dos limites que se interpõem à possibilidade de esses pacientes serem influenciados se devia a um comportamento narcísico dessa ordem. Nessa concepção o narcisismo não seria uma perversão e sim um complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de

autoconservação, egoísmo que, em certa medida, corretamente pressupomos estar presente em todos os seres vivos. (2004, p. 97).

Para Freud (1914/2004), a razão pela qual o narcisismo primário e normal teve que ser mais bem analisado foi para compreender a dinâmica da esquizofrenia, subestrutura da psicose. Existem dois traços fundamentais no esquizofrênico: o delírio de grandeza e o desligamento de seu interesse pelo mundo exterior, ou seja, pessoas e coisas. Enquanto o neurótico investe eroticamente nas pessoas e coisas mantendo vínculos, na esquizofrenia parece ocorrer de fato um desinvestimento libidinal no mundo exterior.

Segundo Freud (1914/2004), a libido retirada do exterior é redirecionada para o Eu, esse narcisismo que chama para si os investimentos anteriormente depositados nos objetos concebe-se como narcisismo secundário, superposto a outro, primário.

De acordo Julien (2004), a estrutura perversa e seu funcionamento pode-se pensar na perversão como forma de defesa contra a psicose. Na medida em que a perversão encontra formas de atuar suas fantasias seja em torno de si ou com outros objetos, a psicose tem como contrapartida o delírio de grandeza e fixação na satisfação libidinal prendendo-se em uma única via que é o próprio corpo. Mais agravante para a psicose é o estado do rompimento de vínculo com o mundo exterior.

Concomitante a isso, a perversão não aparece isolada na via sexual de uma criança, ela é acolhida no conjunto dos processos evolutivos típicos que acontecem no desenvolvimento sexual. É relacionada ao amor incestuoso da criança que surge no complexo de Édipo e que pode desaparecer ou restar subsistente ao mesmo, com sua carga libidinosa aderida à consciência de culpabilidade.

Para Freud (1924/1969), essa perversão pode persistir durante toda a vida sexual do sujeito e tomar conta por inteiro da sua sexualidade ou pode ser interrompida e permanecer ao fundo do desenvolvimento normal.

É também de Freud (1924/1969), a afirmação que as perversões derivam do complexo de Édipo, que é o verdadeiro nódulo das neuroses, a sexualidade infantil que culmina nele é a verdadeira condição da perversão que pode substituir em resíduos inconscientes que representam a disposição à aquisição posterior de uma patologia por um adulto. A fantasia de flagelamento e outras fixações análogas são resíduos do complexo de Édipo.

Segundo Valas (1990), a constituição da estrutura perversa não é um ponto de fixação ou de regressão a fases erógenas primitivas, mas uma forma de estrutura psíquica dada como solução ao complexo de Édipo.

Segundo Julien (2002, p. 107), a perversão para Freud configura-se não como pré-edípiana, mas, como uma saída possível para o complexo de castração. Em 1927, no artigo intitulado “O fetichismo”, a perversão é nomeada com seu verdadeiro nome: nem um recalque (que acontece na neurose), nem uma forclusão (que acontece na psicose), mas uma renegação (*Verleugnung*), que consiste numa dupla posição assumida pelo sujeito que ora reconhece que a mãe não tem o falo e ao mesmo tempo nega esse reconhecimento. De acordo com Julien (2002, p. 107):

Freud permanecerá fiel a essa definição até a morte que vai pará-lo na escrita do famoso artigo começado em 1938: “Clivagem do Eu no processo de defesa”, em que a *Ichspaltung* é o efeito mesmo da *Verleugnung* relativo à presença do falo na mulher constituída a partir da dinâmica de reconhecimento de um órgão real na mulher ficou, de fato, sedimentada em Freud.

### Perversão em Lacan

No entanto, Lacan (1957-1958/1998), revela que se trata não do real e sim do falo imaginário e simbólico.

É também de acordo com Lacan (1957-1958/1998, p. 195), “você verá as coisas se esclarecerem singularmente a partir do momento em que centrarem suas perguntas na criança como sujeito, como aquele de quem provém a demanda, aquele onde se forma o desejo – e toda a análise é uma dialética do desejo.”

Seguramente o falo e sua dinâmica no desenvolvimento humano é o centro da explicação de Lacan (1957-1958/1998) nos três tempos lógicos de Édipo descritos abaixo.

Para Lacan (1957-1958/1998), no primeiro tempo, há a dialética do desejo. Neste momento a criança acredita ser o objeto de desejo da mãe, o falo em contexto imaginário. A criança e a mãe tornam-se uma só pessoa, fundidas e extensas mutuamente.

Sobre a crença da criança nesse primeiro tempo Julien (2002, p. 107), afirma “a mãe não tem o falo, logo eu o sou... para ela!”.

De acordo com Lacan (1957-1958/1998), o segundo tempo se configura na dialética do ser (inauguração da simbolização). Nesta passagem do desenvolvimento a castração é introduzida pela intrusão do pai na relação simbiótica entre mãe e filho. Esta entrada que representa a lei e o social faz com que a criança perceba não ser e não ter o falo assim como a mãe. Resultando na simbolização do pai em pai simbólico.

Lacan (1957-1958/1998, p. 200) explana sobre a importância do pai representante da lei e do limite pela seguinte via: “A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo

ser soberanamente possuído, na verdade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo.”

E por fim o terceiro tempo, pautado na dialética do ter, no qual há o declínio do complexo de Édipo, e a criança aceita não ser o falo e negocia assim, em ter o falo. Segundo Lacan (1957-1958/1998, p. 201), o terceiro tempo “revela que é por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina”.

Portanto, a inauguração do jogo da identificação, esta como Ideal do eu, no menino que percebe não ser o falo materno e identifica-se com o pai e na menina que se identifica com a mãe aproximando-se do pai que é detentor do falo são desfechos possíveis do complexo de Édipo.

Julien (2004), afirma que para Lacan o fetiche é o falo imaginário colocado no lugar onde o falo simbólico falta. Dessa forma o sujeito adquire certa “tranqüilidade” colocando o fetiche como substituto do falo faltante na mãe.

Segundo Ferraz (2008), para Lacan, o perverso ao fazer da recusa o seu mecanismo de defesa principal fecha-se para a entrada definitiva da castração simbólica.

Sobre a recusa da castração Julien (2004, p. 107) afirma, que num primeiro momento, “Para a criança não psicótica, a significação do desejo da mãe não está foracluída; ela designa o que lhe falta, isto é, o significado do falo como significante de seu desejo”. Ainda, para Julien (2004), a perversão certamente possui como base a angústia de castração que nasce do questionamento feito pelo sujeito; “como estar à altura do desejo da mãe?”. Com base neste questionamento Lacan (1956-1957 / 1995, p. 159) afirmou:

Se há castração, é na medida em que o complexo de Édipo é castração. Mas a castração, não é por nada que percebemos, de modo tenebroso, que ela

tinha relação com a mãe quanto com o pai. A castração da mãe (...) implica para a criança a possibilidade da devoração e da mordida.

É também de acordo com Julien (2004, p. 108), que verificamos “A mãe tem o falo; É esta a *Verleugnung*: renegação da primeira posição segundo a qual a mãe não tem o falo”. Portanto, no lugar do falo simbólico o sujeito coloca um falo imaginário, o fetiche.

Como ocorre o posicionamento do sujeito frente à castração, certamente, é algo que requer atenção maior. A estruturação da personalidade de acordo com Ferraz (2008), possui ligação direta com o desfecho do complexo de Édipo.

Segundo Ferraz (2008, p. 31), “Grosso modo, o complexo de Édipo deverá sucumbir a um recalçamento de tal maneira eficaz que merece mesmo o nome de *dissolução*”.

No entanto, em Pires et al (2004), conjecturam que a perversão pode se dar não como estrutura, mas, como montagem a partir da união de duas estruturas independentes em busca de um mesmo gozo. Ou seja, um casal perverso, um neurótico com neurótico ou neurótico com perverso. O neurótico tendo uma posição de insatisfação eterna admite subjugar-se ao gozo do perverso. Trata-se de uma união muitas vezes duradoura, pois, configura-se em um contrato onde um dos sujeitos permite o abuso e seu aprisionamento quanto ao outro.

Outra importante questão citada por Pires et al (2004), e que merece atenção, é a perversão partida dos laços sociais, ou seja, quando normas e leis são instituídas em detrimento aos direitos humanos, a citar, o cumprimento de mandos de inúmeras mortes de inocentes, não causando culpa ou remorso por aqueles que os pratica. E a razão é óbvia, nada mais foi que o cumprimento de ordem, ou seja, o perverso submete-se às potências estadísticas curvando-se a uma lei do crime.



Colaborando com esta afirmativa Roudinesco (1944/2008, p. 130) escreve:

É efetivamente a partir do acontecimento de Auschwitz que todos esses autores – Adorno, Horkheimer, Foucault, Arendt, Lacan e muitos outros mais – tentavam, cada um a sua maneira. Detectar uma nova forma de perversão derivada tanto de uma autodestruição da razão quanto de uma metamorfose bem particular da relação com a lei que autorizava homens, aparentemente comuns, a cometer, em nome da obediência a uma norma, o crime mais monstruoso de toda a história do gênero humano.

Segundo Pires et al (2004), tanto na montagem do social quanto no casal perverso, é preciso que haja um lugar de dominador e o de dominado, sendo este último totalmente assujeitado.

Neste trabalho nos ateremos à perversão como estrutura, que certamente se configura como recusa da castração. Recusa esta, segundo Ferraz (2008), que bloqueia o trabalho do recalque configurando problemas nas identificações e contornos sexuais.

Segundo Ferraz (2008), o distanciamento da constituição do recalque e não aceitação da castração pelo sujeito em alguns casos se equipara a um grande escudo psíquico, característica principal da estrutura perversa.

Em 1927, com o texto “O Fetichismo”, Freud estabelece a teoria sobre os mecanismos psíquicos da perversão, que se reportam à defesa de recusa contra a angústia da castração.

Retomando a perversão a partir da psicanálise como estrutura e o fetichismo o paradigma de toda perversão, no capítulo seguinte faremos uma explanação acerca do fetichismo sob a ótica de Freud e Lacan.

## Capítulo 2

### Manifestação Perversa: Fetichismo

#### Primeiros casos de perversão fetichista

Na reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, de 24 de fevereiro de 1909, Freud apresentou, pela primeira vez, um artigo sobre fetichismo, desde então o autor buscou entender cada vez mais este conceito.

Segundo Valas, (1990) foi também Freud que apresentou em 11 de março de 1914, um caso advindo da sua prática clínica, exposto por ele numa conferência na Sociedade Psicanalítica de Viena, com a denominação de “Um caso de fetichismo de pé”. É um caso de fetichismo num sujeito de 47 anos, que sofria de uma impotência psíquica e que se submeteu ao tratamento de forma breve e sem sucesso. Acompanhando o caso e através da reconstrução do desenvolvimento sexual, pode-se perceber as principais características, assim como, os fatores constitucionais e acidentais envolvidos.

Sobre isso citando Freud, Valas (1990, p. 59) afirma, estes fatores constitucionais seriam “as disposições bissexual primárias, de que vai depender a atividade ou passividade, determinante para se chegar à neurose ou perversão e uma exagerada acentuação da erogeneidade do pé”, já os fatores acidentais são “uma estimulação precoce e anormal, que parece ter tomado o pé como objeto; a estimulação veio, sem dúvida, da mãe, que era ela própria sexualmente anormal” (Freud citado por Valas, 1990, p. 59), e um distúrbio do desenvolvimento provocado pela ameaça de castração efetuada pelo pai, associada com a visão dos genitais da irmã por volta dos seis anos de idade.

Para Valas, (1990, p. 60), o primeiro tempo da constituição da perversão fetichista do adulto se deu na infância, na qual a primeira cena traumática e a

perturbação dela decorrente, originou uma regressão e uma fixação num estágio especial da investigação sexual infantil, particularmente no tempo em que o sujeito ao tentar ver as partes genitais da mulher possuía a crença de ter a visão de um pênis. No caso em questão foi para a irmã e não a mãe que o interesse do paciente foi deslocado. O pé ao ser o escolhido possui a função de significar simbolicamente o pênis que a mulher não possui devido à castração que sofreu.

De acordo com Valas (1990), no segundo momento ocorre a fixação, e por definitivo, a perversão. O primeiro trauma que se encontrava “esquecido”, se repete na adolescência como um segundo trauma, associados aos comportamentos de um mestre que relembra para o sujeito as ameaças de castração do pai. Esse medo da castração é acentuado pelo terror produzido pela visão da genitália feminina, e o risco que o sujeito acredita ocorrer nas relações sexuais. Depois disso, pode surgir a impotência sexual e a cristalização da perversão fetichista.

Para Freud (1927/1996), a perversão aparece como uma regressão temporal ao estágio infantil na qual foi fixada. Freud afirmava o caráter fundamental de que por trás da primeira lembrança referente à formação do fetichista, pode se encontrar uma fase anterior e há muito esquecida do desenvolvimento sexual. O fetiche entra como uma representação encobridora dessa fase, ou seja, é um resíduo desse momento passado em que houve uma fixação já esquecida.

#### Freud e seu texto sobre o fetichismo

No texto “O Fetichismo”, Freud (1927/1996) observa que na clínica os fetichistas não se queixavam sobre a sua vida sexual e muito menos sobre o fetiche. Não iam à análise para tratar destas questões. O analista só ficava sabendo do fato como algo secundário. Acredita-se que isso era decorrente da percepção do fetichista que não tinha

no fetiche um problema, pois facilitava a vida erótica, era desconhecido dos outros, era facilmente acessível e provocava uma pronta satisfação. Ou na análise o perverso, não funciona em busca de cura, mas de evitar qualquer interferência.

De acordo com Julien (2004), os perversos são geralmente homens ou mulheres possuidores de condutas acima de qualquer suspeita em todas as áreas de sua vida (social, familiar, profissional) enfim, são pessoas que não chegam à clínica com queixas relacionadas a perversão.

Com respeito à teoria, Freud apresentou o fetichismo como paradigma da perversão. Ele já havia formulado que a gênese da perversão encontrava-se no complexo de Édipo e que os meninos recusavam a falta de pênis nas meninas. É de suma importância perceber que, contudo, Freud não havia ainda suposto os efeitos da ação psíquica da recusa, isto é, as consequências para a constituição subjetiva do fato de desconsiderar a diferença sexual.

Segundo Valas (1990), o trabalho sobre o fetichismo é um modo de finalização de todos os trabalhos elaborados em prol do tema das perversões, de modo que o fetichismo é um paradigma para a observação do polimorfismo das manifestações perversas. “A perversão, com efeito, deve ser distinta em sua estrutura própria, pois ela aparece como um modo de solução específica do desejo” (Valas, 1990, p. 68).

Freud (1927/1969) demonstra o primeiro caso de fetichismo que corresponde ao jovem rapaz, seu paciente, o qual elegeu como fetiche um “certo brilho no nariz” (Glanz auf der Nase). “Ele podia, à sua vontade, outorgar este brilho (no nariz) que os outros não podiam perceber” (Freud, 1927/1996, p. 155). Segundo Freud (1927/1996), somente para o próprio jovem esse “brilho no nariz” possuía valor.

De acordo com Valas (1990, p. 89), este paciente de Freud, educado na Inglaterra, residiu depois na Alemanha e esqueceu por completo a língua materna. Para

Freud, “o fetiche, cuja origem não deveria ser compreendida em alemão, mas em inglês, “o brilho no nariz”( Glanz auf der Nase) é, de fato, apenas o retorno do recalcado, um equívoco significante com o inglês glance at the nose, que quer dizer: “olhada sobre o nariz”.

De acordo com o proposto acima, primeiramente, Freud remontou ao momento da constituição do fetiche localizado no complexo de Édipo. Sob sua consideração o menino declina do complexo edipiano por temor à castração. Todavia a posição de submissão à castração, em que os desejos edipianos são transformados através do recalque e/ou sublimação, é um dos meios de saída do complexo de Édipo, entretanto, não é única. Contra a ameaça da castração, o sujeito pode recusá-la através da constituição do fetiche, símbolo do pênis da mãe. Desse modo, o fetichista destrói a prova da castração, o que neutraliza a angústia que faz operá-la.

A criança no desenvolvimento normal da sexualidade possui, num primeiro momento, um conceito de que todos possuem um pênis como ele, até mesmo a sua mãe<sup>1</sup>.

Para Freud (1910/1996) a crença no falo feminino é confrontada com a realidade por meio da percepção de que as meninas não possuem pênis, porque já o possuíram antes e o perderam depois. No entanto, essa generalização não é extensiva à mãe que a criança deseja que possua o falo. O menino se recusa a tomar conhecimento de que a mãe não possui o falo, por medo de que se a mãe é castrada, ele corre o risco de perder o seu pênis. Ele tem a percepção de que a mãe não possui o pênis, todavia utiliza de mecanismos para recusar essa idéia. Aceitar que a mãe é castrada, que não possui o pênis seria aceitar a própria castração e renunciar à sensação de completude narcísica.

---

<sup>1</sup>Quando nos referimos à mãe deve-se considerar “função materna”, pois esta independe de ser a mãe biológica do bebê.

É também segundo Freud (1927/1996) que alguns sujeitos, ao tomarem conhecimento da realidade da sua percepção, de que a mãe é castrada, recusam-se a admiti-la face ao terror e a angústia de sua própria castração que lhe é provocado pela descoberta de que a mãe não possui um pênis. Assim, seguem com ilusão de manter a mãe com um pênis oculto. Como afirma Freud (1927/1996, p. 159), nesta percepção da realidade, “não é justo dizer que a criança que observou uma mulher tenha conservado sem modificações sua crença de que ela tem um falo: ela conserva e ao mesmo tempo abandona essa crença”.

Por outro lado, a percepção da ausência do falo da mãe e o desejo de que ela o possua estabelece um conflito que é resolvido por meio de transações inconscientes, ou seja, o sujeito se defende da angústia, através de mecanismos anteriores, primários.

Para Freud (1927/1996) outra coisa ocupou o lugar do falo. O horror à castração o leva a criar essa substituição. Portanto, o pênis que teve que ser abandonado foi substituído por um fetiche que tem como objetivo preservá-lo do desaparecimento. O fetiche é o substituto do falo da mulher (da mãe) que o menino acreditava existir e não quer renunciar a essa crença por horror à sua própria castração.

Assim, por esse caminho toma corpo um processo que será desenrolado mais adiante, o fantasma da “mãe fálica”. O fetiche tem a função de preencher esse papel, de ser o que substitui o falo faltoso na mãe.

Com base nestes pressupostos, Freud (1910/1996, p. 103) introduz a noção de “mãe fálica” no texto, “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, no qual afirma:

A fixação no objeto anteriormente cobiçado, o pênis da mulher, deixa traços inefáveis na vida psíquica da criança, na qual esse estágio de investigação sexual infantil apresenta uma intensidade particular. O fetichismo do pé e do

calçado feminino parece ser um símbolo do membro da mulher adorado no tempo da infância, e desde então lamentado.

Segundo Freud (1927/1996) como resíduo desse mecanismo conserva-se uma aversão a todo órgão genital feminino real. O fetiche subsiste como ratificador de triunfo sobre a ameaça de castração e como salvaguarda contra esta, e evita ao fetichista converte-se em homossexual, pois confere à mulher aquele atributo que a torna aceitável como objeto sexual. Já que a recusa e o reconhecimento da castração se misturam no fetichismo, ou seja, há a superposição nele da recusa e do recalque, verifica-se que uma aversão aos órgãos genitais femininos não se acha ausente em fetichista algum.

Para Freud (1927/1996) os órgãos ou objetos eleitos como fetiche, como substitutos do falo feminino ausente podem simbolizar o pênis. Todavia, podem também estar relacionados a certas lacunas de memória que estão associados aos acontecimentos traumáticos da percepção da ausência do pênis na mulher. Portanto, o fetiche tem o estatuto de uma solução de compromisso, tal qual o sintoma neurótico, exceto pelo fato de não se tratar de uma defesa frente a um desejo recalcado, mas sim frente a angustia de castração.

Para Freud (1927/1996) ao mesmo tempo em que a diferença é recusada, a visão do sexo feminino não pode ser retirada da memória. De fato, ela se mantém, sendo necessária uma intensa energia para manter a recusa. Desse modo, permanecem e se alternam no inconsciente duas representações opostas: “a mãe tem pênis” e “a mãe (mulher) não tem pênis”, sem que uma anule a outra, pois no inconsciente as coisas se misturam.

Podemos considerar que coexiste na realidade psíquica do fetichismo uma posição dupla frente à questão da castração feminina. O fetiche aloja em sua estrutura a

recusa e a afirmação da castração. Segundo Freud (1927/1996, p. 159) “(...) tanto a rejeição quanto a afirmação da castração encontram caminho da construção do próprio fetiche”. Como exemplo, há um caso clínico apresentado por Freud em 1927 de um homem que portava como fetiche um suporte atlético, o qual podia ser usado como calção de banho. Este objeto tinha a função de dissimular o próprio pênis e eliminar a diferença sexual, porque podia significar tanto que a mulher estaria castrada como não estaria, e permitia a suposição de que o homem também estaria castrado, pois, todas as possibilidades poderiam estar ocultas pelo suspensório.

Segundo Freud (1927/1996) existe uma atitude de ambivalência na forma como o fetichista trata o seu fetiche, seja na fantasia ou na realidade. Ele trata com ternura e hostilidade, que são equivalentes à recusa, à castração e à aceitação da castração. Assim os sentimentos ambivalentes se combinam em proporções variáveis, uma ou outra atitude podem se expressar com mais evidência.

Encontramos em Freud (1927/1996), a demonstração de que a perversão se configura como recusa à castração e que o fetiche surge como um mecanismo de defesa contra a angústia dessa castração. O autor começa a afastar a perversão da neurose e aproximá-la da psicose, a partir da diferença essencial entre elas: na primeira o ego se deixa arrastar pelo id e desprende-se de uma parte da realidade, na segunda, uma parte da realidade é denegada pelo ego da mesma maneira que o fetichismo recusa a idéia da castração da mulher.

### O desmentido da castração

Falaremos agora sobre um ponto primordial para o entendimento da perversão em Freud que é o desmentido da castração.



Em suas observações diretas, Freud, no caso do pequeno Hans, (uma análise terminada em 1908 e publicada em 1909) relata que todas as crianças desenvolvem uma teoria sexual de que todos os seres humanos, incluindo homens e mulheres, possuem um pênis. Freud citado em Valas (1990, p. 50), conjectura:

Com muita regularidade, quando o menininho vê as partes genitais de uma irmãzinha, suas afirmações mostram que o seu preconceito já é forte o bastante para violentar essa nova percepção: em vez de constatar a falta do membro, ele diz frequentemente, é guisa de consolo a conciliação, que o pênis ainda é pequeno.

A criança recusa em maior ou menor grau a evidência anatômica, que poderá persistir dentro do seu psiquismo e afetar o seu desenvolvimento psicosssexual. É a primeira vez que se encontra em Freud a recusa da percepção da castração pela criança.

Segundo Julien (2004), o conceito de recusa é tratado por Freud nos textos: Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910), “O falso reconhecimento” (1913) e “ Um caso clínico de fetichismo”, exposto numa jornada científica em Viena em 1914, até chegar em 1925, ao conceito específico de desmentido (*Verleugnung*), que encontrará seu remate no texto O Fetichismo de 1927, retomado e terminado em 1938 em “ A divisão do ego no processo de defesa”. Para Julien (2004) há certa confusão entre o termo recusa e rejeição, pois Freud não chega a esclarecer a diferença entre os dois conceitos. Muitas vezes, ele utilizou o termo recusa como mecanismo de psicose. Posteriormente, Lacan estabeleceu a diferença entre o conceito de recusa e rejeição.

Segundo Kaufmann (1996), na definição freudiana o termo recusa (*Verleugnung*) foi utilizado para designar a recusa da percepção de um fato que se impõe no mundo exterior. Freud “circunscreve a denegação no jogo de estabelecimento do juízo de atribuição com juízo de existência, o sujeito nega qualquer articulação entre

si mesmo e um conteúdo que ele exprime (denegação)” (Kaufmann, 1996, p. 356), há uma afirmação do sujeito que a realidade percebida não é correspondente à representação que ele fez dela. Portanto, há uma diferença entre o juízo de atribuição e o juízo de existência.

De acordo com Kaufmann (1996) a negação permite certa enunciação de tomada de consciência do recalçamento, sem que o sujeito aceite o seu conteúdo. Dá-se uma separação da função intelectual do processo afetivo. É um mecanismo de defesa típico da perversão em que são (de) negadas as diferenças de sexo, geração, capacidade, os limites de realidade, a finitude e a incompletude do sujeito.

A noção de rejeição (Verwerfung) foi introduzida por Freud, em 1915, num artigo sobre o recalçamento, a partir de reações frente a situações externas e internas. Segundo Freud, existem situações externas das quais é possível o sujeito fugir, todavia é impossível empreender a fuga de estimulações pulsionais advindas do interior do ser. Para Freud, a rejeição ou forclusão (termo utilizado por Lacan) é definida pela incapacidade do eu de fugir ele próprio e envolve a desaprovação da identificação. Para Kaufmann (1996) assim, a Verwerfung designa a expulsão de um conteúdo da experiência para fora do eu em função do princípio do prazer.

Para Kaufmann (1996) o termo rejeição (Verwerfung) foi ilustrado por Lacan, na teoria da psicose pela expressão forclusão do Nome-do-Pai, significante que insere o sujeito na ordem simbólica, por intermédio da castração. A forclusão é a exclusão de metáfora paterna da constituição subjetiva do sujeito, que o iria inserir no encadeamento simbólico. Tudo que é recusado na ordem simbólica reaparece no real sob a forma de alucinação.

No caso da psicose, pela não-autorização da mãe à entrada do pai simbólico na díade mãe-filho, ou pela rejeição da criança à metáfora paterna, o Nome-do-pai é

foraclusão, fazendo com que o psicótico não se situe na ordem simbólica e não acesse partilha dos sexos como homem ou mulher.

Encontramos em Quinet (1986) que a foracclusão do Nome-do-pai faz com que na estrutura psicótica, o que não é suportável para o psicótico seja foraclusão e não reprimido como acontece com o neurótico. Tudo o que foi foraclusão, ou seja, os restos psíquicos retornam ao real como alucinação e delírios que causam perplexidade ao psicótico. Sendo o Nome-do-pai o significante que permite ao sujeito entrar na linguagem e aí articular sua cadeia significante na psicose, a ausência (foracclusão) do Nome-do-pai, acarreta aquilo que é para Lacan a marca e essência desta estrutura: os distúrbios e a alucinação.

A coexistência das posições, o desmentido e o reconhecimento da castração feminina demonstra, como o fetichista prossegue numa atitude infantil.

Segundo Freud, (1927/1996) há uma coexistência dessas duas atitudes pelo recalque e o retorno de uma formação de compromisso pela substituição – o fetiche – do que resulta uma profunda divisão para o sujeito: “O horror da castração erigiu um monumento criando este substituto” e “o estupor diante dos órgãos genitais da mulher, que não falta em nenhum fetichista, permanece também como um estigma indelével do recalque que se realizou”, Freud (1927/1996, p. 157).

Segundo Freud (1927/1996, p. 157) o fetiche “permanece o signo de um triunfo sobre a ameaça da castração e uma proteção contra esta ameaça, e pode poupar também ao fetichista de se tornar homossexual, ao emprestar à mulher o caráter pelo qual ela se torna suportável enquanto objeto sexual”.

Para Freud (1927/1996) na configuração fetichista o sujeito pode se identificar imaginariamente com a mãe, que possui o falo imaginário oculto sob suas roupas. Existe um exemplo dado também por Freud (1927/1969) do homem que porta, como

fetichismo, uma calça-cinta, para dissimular os órgãos genitais e abolir a diferença entre os sexos, o que lhe permite ao mesmo tempo negar a castração da mulher e ainda mais supor a castração do homem.

#### A recusa e no que ela resulta

O fetichista possui uma atitude profundamente dividida quanto à castração, porque ele a reconhece, ao mesmo tempo, que a renega. Com isso, ele oscila entre duas posições extremas em relação à mãe fálica, com possibilidade de transição de uma para outra.

Valas (1990, p. 100) propõe outra forma de identificação com a mãe:

Por outro lado, o sujeito pode se identificar com o falo da mãe, isto é, com a forma suposta por ele de seu ideal de eu. Esta posição intermediária é a verdadeira forma de fetichismo, onde o sujeito se oferece à mãe como falo. Eis porque a presença de seu fetiche é necessária em seu encontro com uma mulher, que se torna para ele, desde então, como objeto sexual.

Segundo Valas, (1990) citando Freud, o sujeito pode se identificar, por fim, de forma imaginária, com o pai, porque ele acredita que a castração da mãe foi feita por seu pai. Nesse caso, Freud atribui uma atitude dividida do fetichista em relação ao fetiche, pois ao mesmo tempo, ele o venera e lhe é hostil. A manutenção da recusa e o reconhecimento da castração se misturam no fetichismo. A existência das duas idéias contrárias, uma à outra, provoca o surgimento de uma divisão do eu, a que Freud se referiu como Spaltung (dissociação do ego).

Um grande passo dado por Freud para a moderna compreensão da estrutura perversa está no seu trabalho de 1938, publicado em 1940, “A cisão do ego e os processos de defesa”. Este manuscrito inacabado de Freud pode ser considerado como

um prolongamento do seu estudo sobre o fetichismo, com as conseqüências para o sujeito da sua atitude de recusa (*Verleugnung*) como o mecanismo específico na origem da sua perversão.

Neste texto, Freud (1940/1996) fala sobre com o comportamento de uma criança em determinadas situações, o que pode ser para ela um trauma psíquico. Frente a uma exigência pulsional proibida pela realidade, o ego da criança precisa decidir entre um perigo real e a satisfação da pulsão. Perante esse conflito a criança pode rechaçar a realidade, prosseguir na satisfação ou por medo da proibição, renunciar à satisfação da pulsão. Entretanto, a criança pode, com a ajuda de certos mecanismos, rechaçar a realidade, recusar-se a aceitar qualquer proibição; e por outra via, ao mesmo tempo, reconhecer o perigo da realidade, considerar o medo àquele perigo de solução do conflito são satisfeitas ambas as partes: a pulsão é satisfeita e o respeito à realidade é mantido. Mas, a solução do conflito dessa forma, provoca uma cisão do ego que tende a se aprofundar com o passar do tempo. As duas reações contrárias ao conflito persistem como um ponto central da cisão do ego.

Entretanto, o desmentido não deixa de ser acompanhado pelo retorno de uma angústia sintomática diante da realidade da qual a criança tenta se proteger. “Deve-se reconhecer que aí está uma solução muito hábil de dificuldade, com um preço, porém a ser pago” (1940/1996, p. 293). Em prosseguimento, acentua Freud: “O sucesso foi obtido ao preço de um dilaceramento do eu, que não será curado com o tempo. As duas reações ao conflito, reações opostas, se mantêm como núcleo de uma clivagem do eu”, (Freud 1940/1996, p. 293).

Freud (1940/1996) exemplifica esse fenômeno com um caso de um menino de mais ou menos quatro anos (antes do fim do Édipo). Este menino, seduzido por uma menina mais velha cujos órgãos genitais ele pudera ver, entregava-se regularmente à

masturbação. Segundo Freud (1940/1996), numa fase posterior (seis anos de idade) o menino sofre ameaças decorrentes das interdições edípicas, as quais sem sucesso. Portanto, o menino não cedeu às ameaças de castração.

Sobre isso Zimmerman (1999) afirma que, num primeiro momento, a sedução sofrida pelo menino pode ter desencadeado um trauma, uma injúria ao ego que não pôde processá-la e elaborar psiquicamente as excitações, daí o comportamento de se masturbar. Todavia, para se configurar um trauma, deveria acontecer, num segundo momento, uma resignificação do primeiro tempo traumático em que acontecimentos do presente evocariam a representação traumática e desencadeariam um estado de perturbação egóica, seguido de intensa angústia.

Freud (1940/1996) no caso em questão, para o menino deveria acontecer, num segundo momento, ante a ameaça da castração uma resignificação do primeiro tempo traumático, a sedução, que o levaria a abandonar a masturbação face às ameaças de castração. Entretanto, as ameaças endereçadas ao menino não surtiram efeito, uma vez que “a consequência habitual, considerada normal, do medo da castração é que o menino ceda à ameaça, e renuncie à satisfação obtida com a masturbação” (Freud 1940/1996, p. 294).

Para esse menino, não foi o que aconteceu. A representação da castração parece que lhe passou despercebida, mesmo com a visão da genitália da menina que o seduziu, que lhe proporcionou a oportunidade de perceber a ausência do falo na mulher. Posteriormente, para se proteger contra a angústia da castração “ele criou um substituto para o pênis da mulher em vão procurando; um fetiche; assim, desmentiu a realidade, mas conservou seu próprio pênis” (Freud, 1940/1996, p. 295 ).

Ainda, Freud (1940/1996), observa que esse desmentido da realidade apresenta certa semelhança com o processo da psicose, mas com uma diferença essencial, porque

o menino não alucina um pênis, “o menino não contradisse, simplesmente, a sua percepção alucinando um pênis, ali onde não se podia ver um”, (Freud, 1940/1996, p. 295). em outra parte, Freud indica que o psicótico rejeita a realidade exterior ao reconstruir uma outra. Entretanto, neste caso, a criança “procedeu apenas a um deslocamento de valor, transferiu a significação do pênis para outra parte do corpo” (Freud, 1940/1996, p. 295).

### O véu ou cortina em Lacan

Segundo Julien (2004), Freud demonstrou desde 1910 que o fetiche é o paradigma da perversão, contudo, Lacan em seu seminário, “A relação de objeto”, mostra a dupla função do véu ou da cortina, que para o sujeito corresponde em esconder a falta fálica da mãe e a designação da figura daquilo que está ausente.

Lacan (1956-1957/1995, p. 154) conjectura, “Em suma, o pênis de que se trata não é o pênis real, é o pênis na medida em que a mulher o tem, isto é, na medida em que ela não o tem”.

Segundo Lacan (1956-1957/1995), o fetiche representa a estrutura de toda perversão. No fetiche, “(...) trata-se do falo que a mulher não tem, e que é preciso que ela tenha por razões ligadas à relação dúbia da criança com a realidade”, (Lacan 1956-1957/1995, p. 154), esta via sustenta e define o desenvolvimento do fetichismo. O falo não é real, não é o órgão, trata-se de um falo simbólico que se configura na proteção de ameaças imaginárias, assim como, no fato “de estar ou não ali” instaurando a diferenciação simbólica dos sexos.

Para Lacan (1956-1957/1995), o fetiche existe porque há crença que o falo está presente na mulher, por outro lado, pode-se, fazê-la perdê-lo, ou melhor, castrá-la.

Lacan (1956-1957/1995, pp. 158-159), afirma:

“Esta ambigüidade, que se verifica como vivida, ilusão sustentada e valorizada como tal, é ao mesmo tempo vivida num equilíbrio frágil que está a cada instante à mercê do fechar da cortina, ou de seu descerrar. É dessa relação que se trata, na relação do fetichista com seu objeto”.

É sob a ótica de Lacan que Julien (2004), traz o véu, uma das principais contribuições lacanianas explanadas no seminário “A relação de objeto”.

De acordo com Lacan (1956-1957/1995, p. 157):

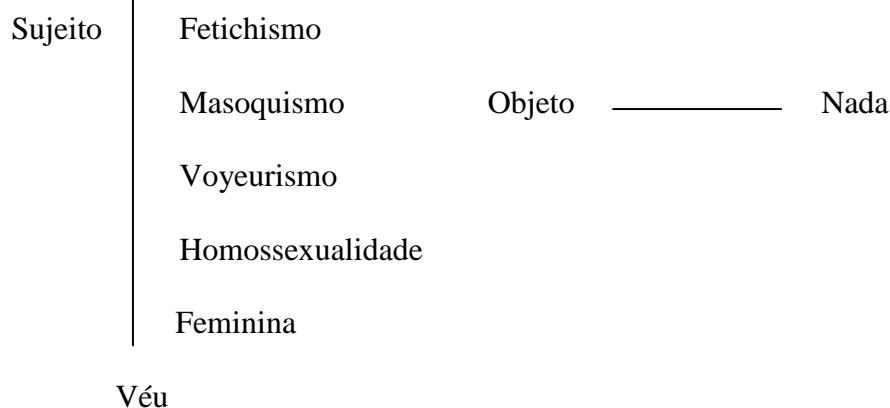
Partindo do mais alto da estrutura, vamos nos deter por um instante nessa posição de interposição que faz com que o que é amado no objeto do amor seja alguma coisa que está mais além. Essa alguma coisa não é nada, sem dúvida, mas tem essa propriedade de estar ali simbolicamente.

De certa forma, aquilo que falta e que está mais além pode se tornar imagem.

“Sobre o véu pinta-se a ausência” (Lacan 1956-1957/1995, p. 157).

Segundo Julien (2004), o véu esconde o que não há além do Objeto enquanto desejo do Outro, ou seja, a mulher (mãe) não é possuidora do falo. Mas, ao mesmo tempo, o véu é usado como projetor da imagem do falo, portanto, a mãe o possui.

Para Julien (2004, p. 112), “diante do véu essa projeção da imagem fálica que esconde e designa o Nada é o que o sujeito coloca diante dele. Segundo esta estrutura, temos as seguintes perversões”:





Portanto, segundo Julien (2004) no fetichismo o véu encobre a falta do falo na mãe, ou seja, o véu funciona como deslocador dessa “falta” para o sapato, o pé, ou o cabelo. Com o fetiche o sujeito evita a qualquer custo experienciar a castração e a reconhecer a diferença entre homem e mulher.

De acordo com Lacan (1956-1957/1995), no véu aparece a configuração da falta, o fetiche como suporte e substituição do desejo, mas o desejo perverso.

Já no masoquismo, de acordo com Julien (2004), a potencia fálica é representada pelo uso do chicote o que configura uma relação em que existirá sempre um dominador e um dominado. No entanto, é importante pontuar que, “o masoquismo não deve ser definido em relação de complementaridade com o sadismo, ou inversamente”, (Julien, 2004, p. 112).

Julien (2004) relata que o *voyeurismo* consiste na observação do Outro, ou seja, em entrar no desejo do Outro. O gozo do *voyeur* comparece ao contemplar e surpreender o outro em sua intimidade.

Segundo Julien (2004), Lacan introduz a noção de “fenda” pela qual ocorre a entrada no mundo do outro. Fantasiando, o sujeito acredita ser a fenda, acredita ser a divisão entre o mundo público e o privado do espaço do Outro. “(...) o sujeito é a fenda, de modo que o Outro fique interessado, cúmplice, aberto a esse espetáculo e participe dessa demonstração” (Julien, 2004, p. 113).

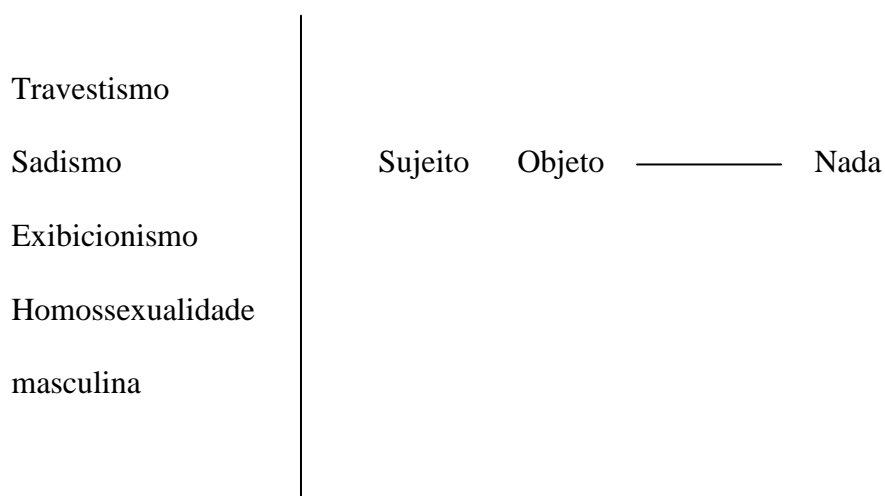
Sobre a homossexualidade feminina, Julien (2004) afirma que consiste no desejo que está para além da mulher amada, ou seja, o que é amado é o que falta, é o falo simbólico. “A perversão homossexual feminina consiste em velar essa falta por um substituto, um *Ersatz*; o filho como imagem fálica”, Julien (2004, p. 113).

De acordo com Julien (2004) o fetiche ou falo imaginário pode ocupar uma posição atrás do véu configurando o lugar da mãe, ou seja, o sujeito passa a ter o mesmo

objeto de desejo da mãe. Julien (2004, p. 114) citando Lacan afirma que o fetiche se situa “não diante do véu, mas atrás, isto é, no lugar da mãe”.

Segundo o autor (2004), o sujeito ao se colocar atrás do véu utiliza como objeto de fetiche, roupas e acessórios indispensáveis para estimulação sexual, assim como, por proteção ao medo de reconhecimento da falta fálica da mãe (mulher).

Para Julien (2004), dessa posição atrás do véu, são possíveis algumas perversões. A citar,



Véu

Sobre o travestismo temos em Lacan (1956-1957/1995, p. 168):

(...) a propósito do fetichismo, mostrei a vocês o surgimento de uma posição de certa maneira complementar. Esta aparece também nas fases da estrutura fetichista, até mesmo nas tentativas do fetichista para se unir a este objeto de que está separado por essa alguma coisa da qual, naturalmente, ele próprio não compreende a função nem o mecanismo. Esta posição, que se pode chamar de simétrica, o respondente, o correspondente, o pólo oposto com referência ao fetichismo, é a função do travestismo.

Julien (2004) conjectura que o travestismo decorre da posição de identificação com a mãe a partir do uso de roupas femininas. Desta forma o sujeito obtém êxito ao esconder a falta do objeto, ou melhor, simbolicamente, o falo está onde não há falo.

Segundo Lacan (1956-1957/1995, p. 169), no travestismo “não se trata, sempre e essencialmente, de esconder o objeto, mas também de esconder a falta de objeto”. Através da identificação com a mãe o sujeito se mantém imune à angústia de castração do falo. O falo no sujeito permanece intacto, sem o horror da perda e somado a isto existe agora, uma configuração feminina.

Para Julien (2004), o sadismo corresponde à obtenção do prazer através do uso de chicote, porrete, cetro, presenteando com estes a imagem fálica. “A identificação com a mãe que “veste a calcinha” protege da angústia” de castração do falo simbólico, Julien (2004, p. 116).

Sobre o exibicionismo Lacan (1956-1957/1995), chama atenção para relação escopofílica, o prazer de ver. O sujeito não se mostra simplesmente complementando-se com a atividade de ver, pois não é uma soma de visualização. “Existe na escopofilia uma dimensão suplementar da implicação, expressa no uso da língua pela presença do reflexivo, esta forma do verbo que existe em outras línguas e que se chama a voz média. Seria, aqui, *dar-se a vê*”, Lacan (1956-1957/1995, p. 169).

Segundo Lacan (1956-1957/1995), o que o sujeito oferece ao outro pela visualização, dá a ver, não corresponde aquilo que ele mostra. “Portanto, é errado mergulhar isso tudo naquilo a que se chama de relação escopofílica”, (Lacan 1956-1957/1995 p. 169).

De acordo com Julien (2004), o exibicionismo está ligado ao mostrar-se ao outro envergonhando este pelo suposto não ter. Ao exhibir-se o sujeito mostra o que tem e desta forma nega a falta fálica da mãe. “O exibicionista não espia como o *voyeur*, ele

“entreabre sua tela”, como uma calça que se abre, para oferecer-se à vista do Outro, tocá-lo “para além de seu pudor” e pôr-se à mercê de seu desejo”, Julien (2004, p. 117).

Segundo Julien (2004), enfim, A homossexualidade masculina já vislumbrada por Freud como inversão, que consiste na fixação do jovem em relação à mãe, no sentido do complexo de Édipo, no qual o jovem deveria trocar seu objeto sexual, no entanto, o que ocorre é uma fixação à mãe.

Segundo Julien (2004), através da identificação, o sujeito busca os objetos que possam substituir seu próprio eu e desta forma poderá investir amor tal qual, foi por ele experienciado graças à mãe.

Julien (2004), afirma que para Lacan na homossexualidade masculina o falo de que se trata é o próprio falo do sujeito, no que concerne a identificação com a mãe fálica, ou seja, a mãe ocupa o lugar de lei para o pai simbólico.

É importante salientar que para Lacan a identificação do sujeito era com o *gozo* da mãe. Sobre isso afirma Julien (2004, p. 118):

(...) identificação nem com o desejo da mãe, nem com seu amor, mas com seu *gozo*. Há repetição do mesmo gozo por inversão: a criança, uma vez que foi objeto de tal gozo do Outro, perpetua esse gozo gozando, por sua vez, de um objeto semelhante ao que ela foi. Há, pois, o narcisismo quanto à escolha de objeto, mas a serviço do gozo do Outro a ser mantido.

Podemos perceber, conforme o mencionado, que para Freud a perversão era definida a partir da sintomatologia (“desvios” sexuais), ou seja, é a mesma lógica que define a neurose ou a psicose (conversões, obsessões e medos, nas neuroses, ou delírios e alucinações, nas psicoses) que são sintomas apresentados pelo sujeito. No entanto, Lacan conjectura sobre a perversão segundo o posicionamento psíquico do sujeito frente

à castração. A citar, o fetichismo que possui uma configuração diretamente relacionada ao lugar ocupado pelo sujeito diante da recusa de castração do falo.

## CONCLUSÃO

No estudo realizado sobre a perversão, foram enfatizados, principalmente os aspectos teóricos da metapsicologia freudiana, assim como a descrição lacaniana sobre a perversão a partir do posicionamento do sujeito diante da castração.

Sob tais teorias, a perversão possui manifestações diferentes, são estas, Fetichismo, Masoquismo, Voyeurismo, Homossexualidade feminina e masculina, Travestismo, Sadismo e exibicionismo.

Freud inicia seus estudos sobre a perversão se distanciando da leitura de que a perversão é uma degeneração, uma anormalidade sexual e social. No artigo “Três ensaios sobre a teoria sexual”, de 1905, Freud trata da perversão como parte de um desenvolvimento sexual normal que se inicia na infância.

É importante salientar, que para Freud existe uma sexualidade infantil e que esta é composta de pulsões sexuais parciais que buscam a satisfação em determinadas parte do corpo, uma leitura que incomodou toda a sociedade da época. No entanto, o anseio de Freud foi demonstrar a amplitude da sexualidade ao configurar a subjetividade e as escolhas objetais.

Contudo, é preciso destacar que, no desenvolver da teoria freudiana sobre a perversão, existiram dois eixos distintos. O primeiro refere-se à concepção da perversão com caráter universal e como parte do desenvolvimento infantil e, no segundo eixo, a perversão é trazida com especificações que a difere da neurose e da psicose, ou seja, a perversão se estrutura face à recusa de castração e da necessidade de conter a angústia por ela despertada. Desta forma, Freud traz a compreensão da perversão a partir da comparação entre neurose e perversão, que se tornou o axioma tão conhecido: “neurose como negativo da perversão”. Nos anos iniciais da década de 1920 a perversão ganhou

um viés metapsicológico, no primeiro momento devido à estruturação do complexo de Édipo, assim, a perversão é vista como fruto do mecanismo da recusa (*Verleugnung*), na saída para o conflito édipico, contrapondo, à dissolução do mesmo, através do recalçamento (*Verdragnung*), este que participa da formação neurótica.

Em 1927 com o texto “O Fetichismo”, Freud explica a atitude ambígua do sujeito da perversão diante da realidade da castração, através da articulação da recusa com a dissociação do ego.

No entanto, no estudo teórico lacaniano o falo não se trata do órgão de fato, mas do falo imaginário e simbólico. E convém destacar que Lacan desenvolve sua teoria inferindo que a demanda parte do sujeito, neste no qual se forma o desejo.

Portanto, foi percorrendo a teoria lacaniana, que pudemos perceber a participação do falo, na dinâmica do desenvolvimento humano e como centro da explicação de Lacan trazida nos três tempos lógicos de Édipo (primeiro - dialética do desejo, segundo - dialética do ser, terceiro - pautado na dialética do ter).

Foi demonstrado que para Lacan o fetiche é o falo imaginário colocado no lugar onde o falo simbólico falta. Através da substituição do falo faltante por objetos, coisas e pessoas o sujeito adquire certa “tranquilidade”, ou seja, se instaura o mecanismo de defesa contra a entrada da castração simbólica.

Retomando a estrutura perversa e com base em estudos mais contemporâneos demonstramos que a perversão pode aparecer com formatos diferenciados, a citar, a perversão não como estrutura, mas, como montagem a partir da união de duas estruturas independentes em busca de um mesmo gozo. A outra configuração perversa que mencionamos foi a perversão social, sendo esta partida dos laços sociais, ou seja, quando normas e leis institucionais ganham forma e autonomia, e desta maneira condicionam o sujeito a participar, mas, somente como marionete, ou

melhor, totalmente desinvestido do direito de opinar ou questionar. Neste caso o perverso é impelido a curvar-se a uma lei, fato este, que nos faz parecer que o perverso não possui culpa.

No entanto neste trabalho buscamos entender a perversão como estrutura e que certamente é configurada como recusa da castração.

Com base no estudo, uma inquietação surgiu: a perversão deve ser pensada somente sob o viés sexual? No fetichismo o gozo incessante está engessado às relações sexuais? Percebendo a normalização do autocentramento, da subjetividade construída a partir de figuras midiáticas, não é necessário se preocupar com a crescente fetichisão dos sujeitos em âmbitos gerais?

No intuito de responder a esta inquietação, uma luz foi buscada no artigo de Freud, “O Fetichismo”, de 1927, onde a perversão é apresentada como organização psíquica decorrente da recusa da experiência de castração, e do reconhecimento da diferença sexual. Portanto, o fetichismo como paradigma da perversão, é uma dinâmica psíquica que não reconhece as diferenças, e desta forma, é possível se compreender a posição do perverso na relação com o outro e na vinculação social.

É importante citar uma expressiva contribuição de Birman (1946/2009, p.260):

Se a diferença sexual não se constitui no indivíduo, este não é propriamente um sujeito, pois o desejo não se constitui como tal. Enunciar, pois a existência do sujeito da diferença é formular que este somente pode ser constituído se o sujeito do desejo também o for ao mesmo tempo.

Deve-se sublinhar, que somente a partir da experiência da castração materna e o efeito conseqüente de reconhecimento da diferença sexual é que se pode esperar uma singularidade ou individualidade na constituição subjetiva do sujeito. Este



permeado pela diferença pode reconhecer a singularidade do outro e romper com o funcionamento autocentrado.

Qual a dinâmica do fetichismo? De acordo com o nosso estudo, o fetichista tem horror do reconhecimento da castração materna, e é neste contexto que o fetiche tampona o vazio do falo materno, evitando que o sujeito perca sua posição de infalibilidade e superioridade diante do mundo.

Portanto, no funcionamento fetichista são sérias as consequências psíquicas, nos fazendo evocar, a “cisão do ego”, ocasionada pela ausência de acolhimento da diferença sexual e por ser marcante o temor da castração materna. Considerando esta estruturação, o sujeito possui um auto-investimento narcísico na tentativa de defesa do reconhecimento do *outro*.

Para o perverso o *outro* ocupa lugar de objeto para usufruto de seu gozo, sem valor individual nenhum. O *outro* deve ser passivo absolutamente e caso isso não ocorra o perverso teme perder sua posição de poder e de dominação. E por isso, podemos supor a frenética e infinita quantidade de gozo, os orgasmos nunca são suficientes e o perverso, portanto, torna-se um “capitalista no mercado do gozo” (Birman, 1946/2009, p.263).

Seguindo a mesma linha do funcionamento perverso/fetichista, percebemos que não há afeição, não ocorre vínculo com o sujeito que possibilita o gozo perverso. Portanto, é múltipla a quantidade de parceiros “usados” pelo perverso.

De acordo com Lacan (1957/1994) o perverso utiliza-se do outro como parte de sua cena perversa, ou seja, “objeto cúmplice”. No fetiche o *outro* é simplesmente “coisa” a ser devorada, usufruída, devastada. Sem a individualidade reconhecida o sujeito participa do gozo perverso de forma totalmente assujeitada.

É preciso sublinhar que a perversão se aproxima da problemática do poder, no mesmo viés da dominação e subjugação do *outro* e a na busca incessante da onipotência. Os detentores do poder se inclinam em possuir a submissão e o conformismo da massa. A massificação ocorre a partir da imposição de características homogenias, nas quais os sujeitos não possuem diferenciação ou individualidade.

Podemos vislumbrar que a sociedade capitalista contemporânea alinhada pelos meios de comunicação que cultuam a individualidade, que pregam padrões de auto-imagem e que desconsideram as relações intersubjetiva, são fundamentais para a construção fetichista, na qual o gozar a qualquer preço e o autocentramento são eixos do perverso e essenciais a serem trabalhados na clínica da perversão.

Concluimos que, a sociedade contemporânea está organizada sob o prisma da subjetivação “coisificada” e que o fetiche está para além do caráter sexual, pois comparece nas relações cotidianas de poder, nas trocas incessantes de parceiros, no uso do *outro* como substituto da falta fálica da mãe (mulher). Numa realidade na qual impera a economia narcísica do gozo sem reconhecimento do sujeito da diferença, o homem se tornou “objeto descartável”.

### Referências Bibliográficas

- Birman, J. (1946/2009). *O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. VII.
- \_\_\_\_\_. (1910/1996). Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua infância. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XI.
- \_\_\_\_\_. (1914/2004). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: A guisa de introdução ao Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago. v. I.
- \_\_\_\_\_. (1919/1996). Uma criança é espancada. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXIII.
- \_\_\_\_\_. (1924/1969). A dissolução do Complexo de Édipo. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XIX.
- \_\_\_\_\_. 1927/1996. Fetichismo. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXI.
- \_\_\_\_\_. (1930/1996). O mal estar na civilização. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXI.
- \_\_\_\_\_. (1940/1996). A divisão do Ego no processo de defesa. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXIII.
- Ferraz, F. C. (2008). *Perversão*. 5ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Julien, P. (2004). *Psicose, perversão, neurose*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1957/1994). A função do véu. Em: *Seminário, livro 4: Relação de Objeto*.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1957/1994). A identificação ao falo. Em: *Seminário, livro 4: Relação de*

*Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1958/1998). Os três tempos do Édipo. Em: *Seminário, livro 5: As formações*

*do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Pires, A. L. S., Pires, A. L. S., Bicalho, C. F. S., Vergara, E. M. M., Fonseca, C. B. &

Laender, N. R. (2004). *Perversão – estrutura ou montagem?* Reverso, ano 26, n. 51,

p. 43-50.

Quinet, A. L. A. (1986). *Clínica da psicose*. Salvador: Editora Fator. v. II.

Roudinesco, E. (1944/2008). *A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos*

*perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Valas, P. (1990). *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Zimmerman, D. E. (199). *Fundamentos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed.